

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 62 — Domingo, 15 de Agosto de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

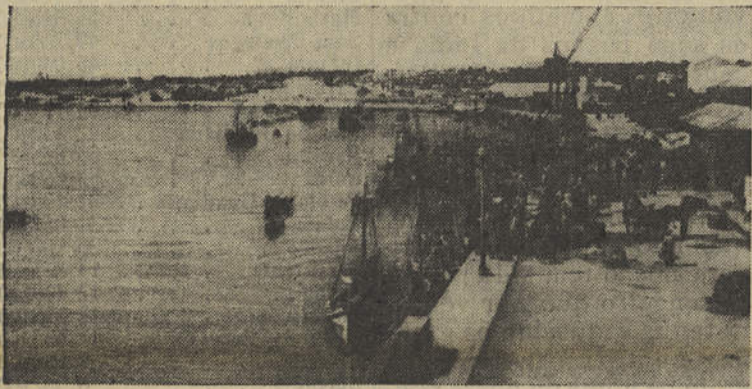
COMPRE E LEIA

“CARA ALEGRE”

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4800

AVENÇA



GRANDE CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA DE MAR EM PORTIMÃO

NO próximo dia 25, realiza-se em Portimão, por iniciativa da Secção Desportiva do Portimonense Sporting Clube, e organizado por uma Comissão a que preside o sr. dr. Luis dos Santos Patrício, o I Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar.

O facto daquela cidade barlaventina contar um elevadíssimo número de entusiastas por tão interessante modalidade desportiva, aliado à circunstância do Concurso se efectuar numa das zonas da privilegiada costa algarvia que melhores condições oferece para tal fim, leva a crer que a simpática iniciativa está destinada a ser coroada do melhor êxito.

Toda a costa compreendida entre a foz do Arade e o Cabo de S. Vicente regista, durante o ano, grande afluência de pescadores desportivos, que, propo-

tadamente, ali se deslocam de várias regiões do país—alguns, até, vindos do Porto—, atraídos pelas excelentes condições que nela encontram para a prática de um desporto que está a despertar, entre nós, o maior e, aliás, bem justificado interesse.

Agora, o Concurso que a Secção Desportiva do Por-

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

CARTA

AO SR. JOÃO MENDES LEAL

TAMBÉM eu, meu caro amigo, também eu tenho um horror instintivo a tudo que diz respeito a polémicas. Aceito a discussão de ideias, quando verifico que existe da parte dos contendores aquele mínimo de seriedade que é indispensável para se trocarem meia dúzia de juízos,

sem se resvalar no insulto mútuo, na insinuação pérfida, no grosseiro e desbragado ataque pessoal. E é alguma coisa estarmos de acordo nesse ponto, já que em questões literárias julgo não chegarmos a fácil entendimento.

O Sr. Mendes Leal foi terrível na sua resposta. Acusa-me de mil pecadilhos, atribui-me afirmações que não fiz, e, muito sensacionalmente, brada aos quatro ventos que aniquilou um novo Quixote das letras portuguesas. Censura-me irónicamente pelas minhas ligeiras deduções, dando a entender que sou forte em tautologias—quando, na verdade, eu recorri a alguns exemplos demasiadamente conhecidos para evidenciar a exactidão das minhas afirmações. O meu caro Amigo, que, pelo seu lado, é fecundo em parábolas, exige que eu leia bem os textos: e, no entanto, o Sr. Mendes Leal, com heróico á-vontade, esqueceu-se de ler cuidadosamente o meu artigo. Aconselha-me a necessidade da exegese, e como teremos ocasião de apreciar, no decorrer deste artigo, o meu Amigo manda à fava a serena análise e interpretação dos textos. Ora, como o leitor se recorda, eu afirmo, unicamente, não existir literatura uni-

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

DIALÉTICAS DISTINTAS!

A NOSSA

E A DO SR. NEHRU!

NESTE tristíssimo diálogo que, por «virtude» do prepotente pacifista sr. Nehru, ao serviço de uma ambiciosa e dementada causa, a causa vermelha, se travou entre Portugal e a Índia, parece que não será preciso cotejar, nem os termos, nem a indole das notas diplomáticas trocadas, para se chegar à evidentíssima conclusão da falta de razão e de moral que assiste ao «moscovita-hindu» chefe do Governo indiano, e que não pode ter, nem paralelo, nem semelhança, com a justiça, a moral e o apurmo que

informam e impregnam as notas emanadas do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, como intérprete fidelíssimo dos sentimentos de indignação e de repulsa nacional!

O povo português, numa expressão de solidariedade que não tem nada de admiração, nem de miraculoso,

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Dr. Alonso Vasques

Encontra-se nas Caldas de Monchique, o nosso prezado amigo, sr. dr. Alonso Vasques, ilustre presidente da Câmara Municipal desta vila.

EM DEFESA DO NOSSO PORTO

A DOCA DE PESCA

É UMA NECESSIDADE PREMENTE

E ARMADORES, PESCADORES, INDUSTRIAIS

E NEGOCIANTES

AGUARDAM QUE LHES SEJA FEITA JUSTIÇA

tância, o facto de a nossa Junta Autónoma, em vez de estar no seu lugar próprio, residir a mais de cinquenta quilómetros. Daí que, apesar da diligência dos seus responsáveis, se verifiquem imponderáveis como foi este de não termos sido abrangidos pelo Plano do Fomento, e como foi o outro, mais recente, de terem sido agravadas as taxas num porto que nunca deu «déficit» e que tem servido a economia do Algarve com todo o préstimo dos seus naturais recursos e o esforço e honestidade dos seus trabalhadores.

E não é para estranhar a verificação de tais anomalias. A Junta, deslocada como está, não pode fazer mais, mesmo porque nela nem sequer tem representação o único porto que justifica a sua existência, que é o de Vila Real de Santo António. Claro que as-

sim não se pode fazer nada, ou pode-se fazer acção absolutamente negativa. Por muito honesto e zeloso que seja um soldado da Guarda Fiscal, a verdade é que ele dificilmente poderá vigiar uma área que fica fora da sua zona de rendimento físico, isto é: da sua visão e da sua capacidade de se deslocar. O contrabandista astuto passará sempre. E é isto precisamente o que acontece com a nossa Junta Autónoma. O contrabandista, aqui, personificado no esquecimento ou na elevação das taxas, passa sempre, com o implícito dano da economia do Sul e sem vantagens para o erário público.

O terem-nos privado, inexplicavelmente, da nossa Junta Autónoma, deu naturalmente como resultado o não dispôr ainda o nosso

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

É HOJE QUE SE REALIZA

EM CASTRO MARIM

A PROGISSÃO DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES

TÊM decorrido com muito brilho e grande afluência de forasteiros, os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhorados Mártires, que se iniciaram, ontem, em Castro Marim, conforme noticiámos no nosso número anterior.

No programa para hoje, em que figuram, além de missa solene, às 12,30 horas, implorando a Paz em Portugal, quermesse e um encontro de futebol entre o Sport Lisboa e Fuzeta e o «team» de Castro Marim, está marcada, para as 20 ho-

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)



Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Apontamento

O país das flores, o país da fruta.

E'. Amontoam-se as flores e a fruta. Amontoam-se e apodrecem diante dos olhos espantados — angustiados — das donas de casa.

Horizonte

O automóvel não, a velocidade estonteante dos automóveis. O comboio não, a velocidade esmagadora e sectária dos comboios. Não. Pela estrada amarga, nós e a certeza, a determinação dos nossos próprios passos.

Portinho da Arrábida

Um poema de carne e osso. Expressão física da paz. O poeta sente-se mais forte. O poeta defensor do que há de bom e de belo na vida.

Crítica

Vá, senhor Mendes Leal. Aperte a mão amiga que lhe estendem. Diga: «Tem razão. Enganei-me.» Apenas isto. E não pense que se desvaloriza. Só a continuação deliberada no erro desvaloriza.

Barco de longo curso

A mulher aperta a criança no chale grosso, de menino. Mal pode ainda ter-se de pé. Está pálida. Duas vizinhas vieram com ela. O barco, lentamente, aproxima-se. «Lá está o teu homem», diz uma vizinha. Sim, lá está o seu homem. Vê-o agora, distintamente. Tem a camisola azul vestida. Agora o seu homem fita nela uns olhos perscrutadores. Repentinamente sério. Faz, com ambas as mãos, sinal para levantar. A mulher desdobra lentamente o chale. Levanta um corpinho frágil à luz do Sol. O seu homem ri, com a boca toda. Os camaradas batem-lhe no ombro. A mulher continua com os braços estendidos. O seu homem continua sem desflitar a criança, a sorrir todo. Era um machinho.

Para ti, que me lês

Tuas mãos prolongadas noutras mãos — eis o segredo da felicidade.

CRÓNICA DE LISBOA

AS TERÇAS-FEIRAS CLÁSSICAS

DO TIVOLI

MERECE a pena ir ao Tivoli, numa terça-feira, à tarde, e examinar toda aquela fauna humana que por lá está à espera do toque do «gong» para entrar na sala e ir sentar-se nos seus lugares. (Daí a pouco, resignados, ouvirão o sempre «horível» e «estúpido» conferencista, e assistirão a mais uma exibição de um filme mais ou menos célebre e também sempre mais ou menos «chato», como dirão depois, num calão extraordinariamente chique...)

E' uma fauna estranha, aquela. Muito estranha, mesmo. Meninas «bem» a conversar: «O' Zé, que filme é hoje exibido?» — «Não sei, pá. Deus queira que não seja tão chatinho como o da semana passada... Lembra-te?» — «Oh! Não me fales nisso, por favor! Que estopada, santo Deus! Que estopada!» Mais adiante, um espécimen raro passeia meditativamente. A sua aparência faz-nos lembrar certo personagem de Dostoiévsky: magro e pálido; todo de negro; uma barba patriarcal, negra, que chega quase ao peito. Enfim, uma espécie de anacronismo humano. Um grupo de senhoras ri, enquanto os cigarros se vão queimando entre os dedos enludados. Nem nos quisemos aproximar. Para quê? Elas só podem estar a rir-se de duas coisas: ou do chapéu da Amália ou daquele «dramalhão» da semana passada. A um canto, um grupo

O RISO DA SEMANA



O médico-veterinário: — Vamos, diga lá: Miau!

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

DUAS BREVES APRECIACÕES CRÍTICAS

UM LIVRO

E UMA POETISA

«LÁGRIMAS»

de Maria das Dores D. Ramirez

TEMOS que saudar uma poetisa e concomitantemente congratularmo-nos pelo que se pode classificar de uma estreia auspiciosa.

Efectivamente, a autora de «Lágrimas» surge no mundo das letras com a poética autoridade que lhe é conferida pela beleza e harmonia dos seus sonetos, o género mais difícil da arte de rimar e, talvez precisamente por isso, a que mais tenta os que desejam exprimir os seus sentimentos e obter audiência e aplauso do público.

Saiu-se bem Maria Ramirez desta primeira tentativa poética. Podendo limitar-se a sobrepôr palavras sem música, sem rima, sem nexto e sem conceito, de que se usa e abusa hoje em medida escandalosa, quis antes dar-nos uma amostra da poesia disciplinada nos velhos moldes da rima e da métrica. Isto, porém, que é já apreciável para os que não renunciaram ainda ao bom gosto da harmonia poética, não chegaria se nos seus sonetos não houvesse, independentemente desse clássico da forma, inspiração, ternura e amor.

Já vai longe a tempo em que eram olhadas de revés as senhoras que escreviam. E isto porque entre muita banalidade que se imprimiu encabeçada com nomes femininos, surgiu também obra de mérito, quer em prosa quer em verso, que



Maria das Dores Dominguez Ramirez

se impôs ao conceito e ao admiração públicas. Daí o não ser estranhável o aparecimento frequente no mundo das letras de uma ou outra senhora que consegue impôr-se à nossa admiração e ao nosso respeito. Este o caso de Maria Ramirez. Se lhe dissessemos que fizera obra rigorosamente impecável, por certo que exageraríamos. Mas podemos dizer-lhe, sem molestar a verdade, que as suas primícias literárias auguram-lhe um lugar de merecido relevo na poética portuguesa. E isto, tratando-se de uma poetisa da nossa terra, onde nasceu também uma outra inspirada poetisa

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em gôso de férias, encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, com seu marido e filha, a sr.^a dr.^a D. Maria Luiza Augusto de Matos, professora do Liceu de Évora, filha do nosso prezado assinante, sr. Joaquim Augusto.

De visita a sua família, esteve nesta vila, durante alguns dias, o sr. Capitão António dos Santos Gonçalves, nosso querido amigo e distinto colaborador.

Em gôso de férias, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e colaborador, sr. professor Manuel José da Trindade e Lima.

Com sua esposa, está em Monte Gordo o sr. Manuel Barroso Gomes Sanches, nosso prezado amigo e assinante em Lisboa.

Com pequena demora, esteve nesta vila, de visita a seus pais, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Dante Barbosa Guerreiro.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde veio de visita a sua família, o sr. António Ramirez, nosso querido amigo e prezado assinante em Portimão.

Encontra-se na praia de Monte Gordo, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. eng. José de Brito Folque, técnico muito distinto do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Com sua esposa e filho, está em Monte Gordo o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. dr. Humberto Sérgio de Brito Avô, que regressou, recentemente, da sua viagem a Espanha, onde assistiu ao Congresso Internacional de Pediatria, realizado em Santiago de Compostela.

Acompanhado de sua família, encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. Alfredo Augusto Baptista Peres, digno chefe da secretaria da Câmara Municipal de Tavira.

Está a veranejar na praia de Sines, com sua família, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador, sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, médico em Olhão.

Acompanhado de sua família, encontra-se a passar as suas férias em Renez Quente, arredores de Monchique, o nosso ilustre comproviciano e distinto colaborador deste jornal, sr. dr. António de Sousa Pontes, residente em Lisboa.

Com sua família, encontra-se em Monte Gordo o sr. dr. Júlio Sancho, distinto médico radiologista, em Faro, e nosso prezado assinante.

Acompanhado de sua família, encontra-se a veranejar na praia de Albufeira, o nosso querido amigo e assinante em Loulé, sr. Gervásio António Santos.

Encontra-se na praia de Monte Gordo, com sua família, o nosso prezado assinante, sr. Coronel Manuel Pereira Milreu, ilustre presidente da Câmara Municipal de Faro.

Está nesta vila, em gôso de licença, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante na capital, sr. dr. Jorge Lopes Bonança, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa.

Com sua esposa, encontra-se nas termas de Entre-Rios, a fazer a sua habitual cura de águas, o nosso amigo e estimado assinante, sr. António dos Santos Rita, Industrial nesta vila.

Está a passar o verão na sua casa de Carcavelos, com sua família, o nosso querido amigo e prezado assinante em Beja, sr. Francisco Maria da Cruz Martins.

Encontra-se em Monte Gordo, com sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. dr. Arnaldo dos Santos Lança, meretíssimo Juiz de Direito em Loulé.

Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros e filha, chegou hoje a esta vila, vindo da Praia da Rocha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. engenheiro Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e assinante em Beja, sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

De visita a sua família, esteve entre nós o nosso amigo e assi-

O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

VAI ABRIR UMA FILIAL

EM FARO

SEGUNDO amável informação do sr. João Marcelino Ribeiro Fernandes, digno chefe da Agência do Banco Português do Atlântico nesta vila, esta importante organização bancária portuguesa foi autorizada superiormente a abrir uma filial em Faro, encontrando-se no Algarve, para tratar de diversos problemas relacionados com o assunto, nomeadamente no que se refere às instalações da nova filial, o nosso prezado amigo e assinante no Porto, sr. Braz Cabrita de Almeida Conde, membro do Conselho de Administração daquele Banco.

Com as Agências desta vila e de Lagos, e agora com uma Filial em Faro, o Banco Português do Atlântico dotou o Algarve com uma perfeita rede bancária em condições de bem servir a já numerosa clientela de que dispõe, nesta província, aquele importante estabelecimento de crédito.



Máquinas de costura SINGER
Prestações desde 32\$50 por semana

MOTORES para máquinas de costura
Prestações desde 10\$00 por semana

VENDAS DE PEÇAS, AGULHAS E ÓLEO

Consulte o Agente nesta vila:
Rua Miguel Bombarda, 91

PAPELARIA IDEAL

DE JOAQUIM A. CORREIA

Rua 5 de Outubro, 20
TAVIRA

As últimas novidades literárias
Papeleria — Artigos Escolares
ENCADERNAÇÕES
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

nante, sr. Olimpio de Vasconcelos, funcionário da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a, em Olhão.

Encontra-se em S. Brás de Alportel, com sua mãe, o sr. Gavino Luiz Correia Alves, filho do nosso prezado assinante sr. Manuel Ribeiro Alves.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Moreira Parra, funcionário superior da Câmara Municipal de Serpa.

Com suas filhas, encontra-se nesta vila, a sr.^a D. Adelina da Costa Aleixo, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Medeiros Aleixo, residente em Lisboa.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila, a sr.^a D. Maria José de Lima A vila, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Vital A vila, residente em Lisboa.

De visita a sua família, esteve entre nós, com curta demora, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa redacção, o sr. tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues, que presta serviço no Aviso de 2.^a classe «João de Lisboa».

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante, sr. João Ilídio Setubal, funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Beja.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, acompanhada de sua filha, a esposa do nosso prezado assinante, em Aljustrel, sr. João Carlos Ramirez.

PROVÍNCIA

VILA NOVA DE CAGELA

Falecimentos

Faleceu no passado dia 9 a sr.^a D. Ana Xavier Alberto Madeira, de 69 anos, natural de Odeleite (Castro Marim) e há muitos anos residente nesta freguesia.

Deixa viúvo o proprietário sr. João Gil Madeira e era irmã das sr.^{as} D. Luzia Xavier Celorico Palma, casada com o sr. Jacinto Celorico Palma, D. Maria Xavier Alberto Madeira e D. Francisca Xavier Alberto e tia do sr. dr. Francisco Dias Cayaco, distinto médico em Castro Marim.

Era ainda tia dos srs. dr. António Celorico Drago, Frederico Celorico Drago e Eugénio Rodrigues Madeira.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento.

A finada deixou no seu testamento entre outras vontades 2.000\$00 para serem distribuídos pelos pobres da freguesia.

Também no dia 12 do corrente, faleceu a sr.^a D. Maria Isabel Tamissa, de 84 anos, viúva do sr. Manuel Rodrigues Tamissa, era mãe da sr.^a D. Rita da Paz Tamissa, casada com o sr. António Guerreiro Madeira.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, sendo muito concorrido.

As famílias enlutadas apresenta o «Noticias do Algarve» sentidas condolências. — e.

Falecimento

Faleceu em Tavira, no dia 4 do corrente mês, a sr.^a D. Maria Sebastiana Soares de Araujo Ribeiro.

A extinta, senhora dotada de excelsas virtudes, contava 79 anos de idade, era viúva do General Francisco da Luz César Ribeiro, e mãe do sr. Tenente Francisco Maria de Araujo Ribeiro.

O seu funeral, que se realizou na manhã do dia 5, para o Cemitério do Calvário, em Tavira, constituiu uma sentida manifestação de pesar.

À família enlutada, e em especial ao nosso prezado amigo, sr. Tenente Araujo Ribeiro, apresentamos sentidas condolências.

Ela é bem diferente dele...

CONTA-SE que, uma vez, na Inglaterra, durante um comício de sufragistas, a oradora afirmou, convictamente: — «Final, que separa a mulher do homem? Apenas uma pequena diferença» — e que, então, do meio da assistência se erguera uma loira e frágil «miss», gritando, com entusiasmo: — «Viva a pequena diferença!» Pois a diferença — proclama-o a ciência — não é tão pequena como isso.

O cérebro do homem pesa, em média, 1.360 gramas, o da mulher, 1.240.

O coração do homem bate à velocidade média de 70 pulsações por minuto, o da mulher, à velocidade média de 78.

A voz do homem atinge um mínimo de 80 e um máximo de 435 vibrações; a da mulher, um mínimo de 164, e um máximo de 1.044.

O homem consome diariamente, em regra, mais 500 calorias do que a mulher, ressona três vezes mais e pesa, em média, mais 6 quilos.

O homem dorme habitualmente estendido, a mulher, enrolada sobre si mesma — e mais horas do que o homem.

E' daltónico um homem em cada quinze; daltónica, apenas uma mulher em cada cem.

O número de homens cantotós é o dobro do número de mulheres com o mesmo defeito.

Por cada 4 homens que sofrem de moléstias mentais, há apenas 3 mulheres atingidas. Em compensação, as mulheres perdem anualmente, por motivo

OLHÃO

Espectáculo musical

No passado dia 9 do corrente, a Esplanada do Clube Desportivo «Os Olhanenses» ofereceu um grande espectáculo musical, em que participaram a vedeta da Rádio, Graciete de Melo, o tenor lus-argentino João Domingos, e a orquestra dos «Pancas», de Olhão.

O espectáculo foi organizado pelo Sporting Clube Olhanense. Esse espectáculo foi aproveitado para a entrega dos prémios e troféus dos concorrentes à Gincaça Automobílica, realizada, há semanas, no Estádio Padinha.

Tiro aos Pratos

Este mês realiza-se em Olhão, no Estádio Padinha, um festival de Tiro aos Pratos, ao qual concorrem numerosos atiradores. Este espectáculo realizar-se-á de tarde e a receita líquida revertirá a favor da Santa Casa da Misericórdia local. — e.

Agradecimento

Maria Francisca Domingues e seu marido, José Domingues, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada a sua extremosa irmã e cunhada, vêem, por este meio, apresentar os seus agradecimentos. Agradecem, ao mesmo tempo, suas filhas Nilde e Lizilda Domingues Currito.

TRESPASSA-SE

Café «Beira-Mar», com quartos no 1.^o andar, por motivo de retirada do seu proprietário. Negócio a tratar urgente.

Rua Serpa Pinto, 13 e 14 (frente à Lota do Peixe), Telef. 363—PORTIMÃO

DIALÉTICAS DISTINTAS:

A NOSSA E A DO SR. NEHRU

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

porque representa a expansão natural e pujante do seu amor pátrio, mal dados os primeiros toques da série de actos indignos e revoltantes cometidos contra os seus irmãos da Índia e contra os pedaços de Portugal que ali estão espalhados, levantou-se, ergueu-se soberba e conscientemente, numa onda de indignação, num frémito de unidade, que não sendo admiração para nós, o tem sido para o estrangeiro que por ventura tenha esquecido os grandes cometimentos e as grandes horas da nossa História, toda ela tecida destes compactos movimentos de solidariedade e de unidade, de amor e acção nos momentos e nas emergências cruciais.

Cotejar este arranco nacional, a ambiência de solidariedade e de unidade que se respira e em que se vibra, com os sentimentos que a imprensa indiana transmite, e não passam de «excitamentos» a meia dúzia de discolos «voluntários», sem que as ambições prepotentes tenham atingido qualquer sombra de entusiasmo por parte do povo indiano, chega a ser desnecessário e a bem dizer ridículo, porque seria comparar a nobreza de uma atitude lógica e fundamentada, com a apatia e indiferença, para não dizer o amordaçamento de sentimentos populares, que no íntimo discordam das megalomanias dos seus chefes. E' a resultante da diferença que dá a moral e a justiça, para o que não tem nem justiça, nem moral.

Cotejar, por último, nesta trilogia de sentimentos, digamos assim, o apoio, as vozes de simpatia e de desinteresse, o grito de indignação e de revolta, numa constante e maravilhosa diatribe contra o falso pacifismo e o muito cinismo do sr. Nehru, emanadas da vizinha e amiga Espanha, do irmão Brasil, da fraterna Argentina e, de um modo geral, de todos os povos que sentem nas veias algo do sangue latino, e, remontando a responsabilidades de nações mais altas, no conceito das influências internacionais, a maneira como alguma imprensa e certos meios oficiais têm verberado o gesto louco e indigno do sr. Nehru, com a ausência e o vácuo que as outras nações mundiais, mesmo da côr vermelha do Governo indiano, têm acompanhado o diálogo da justiça contra a injustiça, da moral contra a falta de moral, parece tarefa desnecessária, porque não há comparação possível. Comparação não existe, porque não existe medida para medir o que é honra e o que é desonra, o que é nobreza e o que é baixeza, no grau e no nível em que cada um destes sentimentos se manifestam, nos himnais portugueses de razão e da justiça, nos dantescos abismos infernais do cinismo e da hipocrisia hindus!

L. V. C.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 6 a 12 de Agosto de 1954

TRAINEIRAS	
Brisa	90.870\$00
Leste	86.290\$00
Levante	70.335\$00
Flor do Sul	61.835\$00
Liberta	53.475\$00
Maria Rosa	53.345\$00
Sam Domingos	49.260\$00
Infante	46.030\$00
Carmela	45.165\$00
Novo S. José	44.155\$00
Flor do Guadiana	42.130\$00
Raulito	38.815\$00
Norte	35.660\$00
Pérola do Guadiana	32.105\$00
Toluis	31.062\$00
Agadão	28.900\$00
Persistente	14.815\$00
Tufão	12.420\$00
Janita	12.125\$00
Deolinda Rita	11.635\$00
Batinha	9.650\$00
Boreal	6.902\$00
Alvarito	3.460\$00
Pinguim	3.700\$00
Sol Nascente	1.770\$00
Restauração	1.350\$00
Recompensa	1.203\$00
Total	888.962\$00

CÉRCOS

Amazona	68.904\$00
Azevedos	930\$00
Total	69.870\$00

Atum da costa Algarvia

587 Atuns	504.358\$50
87 Atuarros	44.191\$70
38 Albacoras	12.917\$60
50 Cachorretas	5.476\$70
Total	566.944\$50

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 7 a 13 de Agosto:

Entradas:

MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tãnger, com carga em trânsito.
CORVO, Português, de 773 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ACASTE, Alemão, de 780 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:

MURTEN, Suíço, com conservas, para Génova.
CORVO, Português, com sal, para Ponta Delgada.
ACASTE, Alemão, com cortiça em prancha e rólhas, para Hamburgo.
ZÉ MANEL, Português, com enxôfre e minério, para Lisboa.
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 14 a 20 de Agosto, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Quer ter personalidade, coisa muito procurada? Duça, então, que é bem verdade: Use «Viresa»... e mais nada!!!



Confecções Viresa, L.^{da}
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Martinho Rita Bexiga

CAMIONETAS DE ALUGUER
Telef. 244 • OLHÃO

Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

PIANO

Por motivo de retirada, vende-se um piano, marca alemã, eléctrico e manual.

Tratar na Rua Jacinto José d'Andrade, 64—Vila Real de Santo António.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TRESPASSA-SE

CAFÉ em ótimo local, próx. ao Mercado da Verdura, por motivo de outros negócios — AS MELHORES CONDIÇÕES. Nesta Redacção se informa.

SECCÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

Carlo Lizzani

Personalidade forte de cineasta e de homem de acção, Carlo Lizzani iniciou a sua carreira com o filme *Achtung, Banditi!*, depois de garantir os meios para a sua produção, fundado a original cooperativa de espectadores-produtores de Génova.

No último festival de Cannes, o seu filme *Cronaca di Poveri Amanti* causou sensação, independentemente do prémio ganho. No entanto, Carlo Lizzani, como tantos outros, permanecia desconhecido nos cinemas do nosso país.

Merece ser assinalado, portanto, com o devido destaque, a estreia do filme de Lizzani *A margem da metrópole (Ai margini della metropoli)*, no Tivoli. Arminio Blanco dedica ao filme a sua crónica semanal no «Século Ilustrado». Que pena aparecer no «Século Ilustrado»!

Amantes do Tejo

Um dos caminhos que mais favorecem o desenvolvimento das cinematografias nacionais é a co-produção entre países. Pela colaboração entre técnicos e ideias diferentes, o clima intelectual torna-se mais intenso e as preocupações artísticas aguçam-se. Poderá argumentar-se que a obra se ressentirá no seu aspecto estilístico, que deveria ser eminentemente português. O que interessa principalmente, porém, é pôr a nossa indústria de filmes a funcionar, ganhando dignamente os mercados internacionais. A colaboração luso-francesa seria mais frutuosa do que foi a luso-espanhola, uma vez que não é possível comprar sequer o cinema espanhol e o francês. Pois a verdade é que, para a feitura de «Amantes do Tejo», em que colaboram artistas e técnicos portugueses, foi oferecido a produtores portugueses participarem financeiramente na sua produção, o que permitiria utilizar cineastas portugueses em maior número, realizar uma versão portuguesa e projectar no estrangeiro «Amores do Tejo» como co-produção luso-francesa.

Esta oportunidade, os produtores portugueses não a quiseram. Mas, que se dirá do silêncio do Conselho de Cinema e do Fando do Cinema Nacional?

Antologia — a música no cinema

Não me sinto vexado quando não me falam da música que escrevi para um filme. Pelo contrário, sinto sempre receio quando a citam, porque pergunto a mim próprio se não chamou demasiadamente a atenção sobre ela e se, no fim de contas, o filme não decepcionou o público, pois honro tempo para escutar o comentário musical.

A música é indispensável ao cinema?

Sei bem que existem exemplos em que a sétima arte pôde muito bem dispensar-se dos discípulos do Euterpe; as últimas películas de Cayatte e Spak estão aí para o demonstrar.

Mas, à parte alguns casos especiais (naturalmente, a música não parece útil num filme que se passa quase inteiramente numa prisão, enquanto o Ministério da Justiça não preveja distrações radiofónicas ou programas de televisão nas celas dos condenados de direito comum), à parte alguns casos muito especiais, dizia eu, coloco a questão a todos os que vêm um filme antes da sonorização e que o voltam a ver quando terminado, isto é, misturado com os efeitos, os ruídos e os sons. A transformação é grande, creiam-me.

A infelicidade para o músico de cinema é de ser o último a chegar à ordem do trabalho técnico. No momento em que vamos começar a partitura, o produtor tem pressa de apresentar o recém-nascido, que para ele está virtualmente terminado. Está sempre apressado e não me atrevo a dizer que prazos ridículos são por vezes impostos ao compositor para escrever, orquestrar e fazer copiar a sua música.

Georges Van Parys

TRESPASSA-SE em Portimão

A «Casa Ohio», por motivo de retirada, sem existência. Bom local, servindo para qualquer ramo de negócio. Casa de habitação anexa. Rua da Igreja, 39 (antiga rua dr. António Cândido) em frente ao Liceu.



DESPORTO

UM GRUPO QUE REAPARECE

DEPOIS de uma grave crise, em que o Atlético Desportivo Olanhense foi obrigado a encerrar as portas da sua sede e deixar de participar no Nacional da III Divisão, o grupo vai retomar a posição perdida e voltar à actividade, graças ao bairrismo de alguns olanhenses.

Assim, podemos afirmar com regosijo que veremos esta época nos campos de futebol as camisolas azuis-brancas do tão simpático clube. Nesse sentido, já alguns adeptos do clube oficiaram à entidade máxima do futebol algarvio a pedir que lhes dessem instruções para tornarem a filiar-se. Depois de receberem essas instruções, realizaram-se na Sociedade Filarmónica Olanhense uma assembleia magna, onde serão tratados vários assuntos de capital importância para a vida do popular clube.

O Sporting Clube Olanhense, máximo representante do desporto local, pode desde já estar satisfeito e seguro pela reedição do modesto mas útil clube, que, como nos anos passados, se preocupou sempre em «fazer» jogadores para o 1.º team do Olanhense, como: Januário, Tavares, Ezequiel, Fernandes, Casaca, Arménio e tantos outros. O Atlético jogará no Estádio Padinha, por cedência do Olanhense.

Consta que São Brás, Portimão, Loulé, Faro, Castro Marim, Vila Real de Santo António, Luz de Tavira, Moncarapacho, Silves e Lagos também farão parte esta época da III Divisão.

BERCULANO VALENTE

Empresa de Viação Algarve, L. da

FARO

Alterações de horários de carreiras

AVISO AO PÚBLICO

Para os devidos efeitos se anuncia as alterações de horários das seguintes carreiras, com início em

20 de Julho de 1954

Carreira FARO-CACILHAS

Cheg.	Partidas	LOCALIDADES	Partidas	Cheg.
—	9,30	Faro	—	17,45
10,00	10,06	S. Brás de Alportel	17,15	17,05
10,39	10,45	Barranco do Velho	16,55	16,27
11,25	11,26	Ameixial	15,47	15,46
12,06	12,08	Almodovar	15,06	15,05
12,40	12,41	Castro Verde	14,35	14,32
13,15	13,16	Aljustrel	13,58	13,57
13,59	13,41	Ervidel	13,34	13,32
13,56	14,36	Ferreira do Alentejo	13,17	12,37
15,21	15,21	Torrão	11,52	11,51
16,10	16,12	Alcácer do Sal	11,05	11,01
17,02	17,05	Águas de Moura	10,11	10,10
17,35	17,35	Setúbal	9,40	9,35
18,40(b)	—	Cacilhas	8,30(a)	—

Efectuam-se diariamente

- a) — O barco da Parceria que dá ligação, parte de Lisboa, do novo Cais do Terreiro do Paço, às 8,08 horas.
- b) — O barco da Parceria que recebe ligação, parte de Cacilhas às 18,45 horas.

Loulé-Barranco Velho: 9,50 — 15,40 — 17,20	Barranco Velho-Loulé: 9,20 — 12,15 — 16,55
Beja-Ervidel: 8,10 — 12,40	Ervidel-Beja: 13,45 — 20,55
Beja-Ferreira do Alentejo: 12,30 — 13,45 — 16,00 — 19,00	Ferreira do Alentejo-Beja: 7,00 — 9,35 — 12,40 — 16,30
Tavira-S. Brás de Alportel: 9,05 (a) — 17,25	S. Brás de Alportel-Tavira: 10,05 — 17,15 (a)
a) Não se realiza aos domingos	
Loulé-S. Brás de Alportel: 9,25 — 16,45 (a) — 21,20 (b)	S. Brás de Alportel-Loulé: 8,00 (b) — 10,20 (a) — 18,20
(a) Não se efectua aos domingos	
b) Só se efectua aos domingos, de 1 de Agosto a 30 de Setembro.	
Loulé-Faro (por Santa Bárbara): 10,00 — 10,50	Faro-Loulé (por Santa Bárbara): 16,15 — 17,15
(Não se efectua aos domingos)	
S. Bartolomeu de Messines-Loulé (por Paderne): 9,00	Loulé-S. Bartolomeu de Messines (por Paderne): 17,00

Nova Carreira entre BEJA-FICALHO (fronteira) (Início em 20 de Julho de 1954)

Cheg.	Partidas	LOCALIDADES	Partidas	Cheg.
—	14,10	Beja	—	13,25
14,35	14,36	Baleizão	13,00	12,58
15,09	15,11	Serpa	12,25	12,23
15,38	15,39	Aldeia Nova de S. Bento	11,56	11,55
15,54	15,57	Vila Verde de Ficalho	11,40	11,38
16,05	—	Ficalho (fronteira)	11,30	—

Em ligação directa com as carreiras Beja-Ferreira do Alentejo e Faro-Cacilhas.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

Se V. Ex.ª visitar em PORTIMÃO o Salão de Chá e Pastelaria

SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve.

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4 A, 6 e 8
Tel. 85 PORTIMÃO

Visado pela Comissão de Censura

Para si, minha senhora...

UM SÉCULO DE MODAS

Por NOÉMIA GIL FARIA

ENQUANTO em Paris se ultimam as novas colecções que serão apresentadas nos princípios de Agosto, colecções que nos irão dizer se a cintura sobe ou desce, se a silhueta se afina ou se alarga, se a saia descerá ou subirá no inverno de 1954, vou falar-lhe, minha senhora, de uma preciosidade achada entre velhos papéis e que pessoa amiga acaba de me ofertar. Trata-se de um pequeno volume, «Um século de modas femininas — 1794-1894», contendo quatrocentas lindíssimas gravuras a cores, «extraídas de documentos autênticos». O volume é de grande valor documental, pois são gravuras que nos mostram um século realmente fértil em mudanças.

O primeiro modelo apresenta-nos a elegante de 1794 com o vestuário de uma grande simplicidade, nascido nos anos de terror que a França acaba de viver. Os cabelos encaracolados usam-se soltos sobre os ombros, o chapelinho é pequeno e colocado a direito. Passam-se alguns modelos, mais ou menos em igual estilo, até ao ano de 1797, em que a moda nos aparece francamente inspirada na Grécia antiga, com a sua túnica de gaze e os seus coturnos vermelhos sem salto, de ponta em bico e com a graça das fitas entrelaçando as pernas. 1799 — a túnica alargou-se num princípio de cauda, dando outro formato ao vestido, mas a cintura continua alta, à grega. 1800 — as tunicas são agora duas. Uma mais comprida, de cor escura e em tecido pesado, outra, vestida por cima, mais clara e de tecido transparente. O chapéu toma o ar de uma coifa de bébé, amarrada por debaixo do queixo, e o sapato continua sem salto. 1801 — embora a cintura continue marcada junto ao seio, o vestido vai transformando a túnica em criações graciosas. 1802 a 1818 — os cabelos cortam-se bem curtos, a túnica tem várias interpretações. É toda a época dourada do Império Napoleónico que nos aparece na fantasia das «ruches», dos bordados, das franjas, das preguinhas, dos machos e das barras trabalhadas. 1820 — a cintura começa a descer e espalham-se as primeiras rosas pelas saias dos vestidos, quase todos em duas cores. A saia de noite é redonda e pelo tornozelo. 1823 — a cintura continua ainda a descer, e a saia também. Apenas se mostra a ponta do sapato. As mangas são compridas, os decotes discretos. A elegante volta a respirar simplicidade. 1826 — os vestidos enchem-se de bordados ingleses, em branco e em cor. Os penteados de noite são guarnecidos de penas e sedas coloridas. Lembram cabeças de rajá. Os chapéus são enormes, com fitas e flores em profusão. Um grande laço debaixo do queixo, segura-os com firmeza. 1827 — o chapéu continua a crescer de forma assustadora e é feito em tecido igual ao do vestido ou, pelo menos, na mesma cor. O pé continua a mostrar-se e a cintura mantém-se no seu lugar. 1829 — o chapéu elegante parece uma das modernas «corbeilles» de flores, com o seu laço de fita, destinada a homenagear alguma artista em dia de festa. A saia é um pouco mais curta e o sapato, ainda sem salto, volta a prender-se com fitas enroladas no arnelho. 1830 — o vestido de noite é curto e mostra um bom pedaço de perna. O penteados compõe-se de caracolinhos e de tranças finas, que se armam em laços de vários feitios, O conjunto guarnece-se ainda com rosas vermelhas. A cintura começa a apertar, embora permaneça no lugar que a natureza lhe marcou. O vestido de rua mostra também o arnelho. Não é bonito o modelo, mas o chapéu enorme é uma verdadeira monstruosidade. 1832 — grande mudança. Os vestidos inspiram-se, francamente, nos quimons das japonesas, a cintura volta a subir, muito apertada por um laço de seda em cor diferente da do vestido.

1836 — as primeiras «capottes», Minúsculas sombrinhas. Desde a saia, numa moda discreta e elegante. 1840 — é todo o período romântico que nos surge evocado por uma linha senhora que se encosta languidamente a um piano. O seu penteado de caracóis, caído de ambos os lados do rosto tristonho, o corpete em bico, os ombros desnudados em «barcarola», a cinta fina, a saia de três grandes folhos, tudo nos fala irresistivelmente da época de Chopin. 1747 — moda outra vez discreta, com as saias em largos folhos, mas tendendo já para o balão. Chapelinhos pequenos e graciosos. Cintas baixas. Do sapato, apenas se vê a ponta da biqueira. 1853 a 1870 — todo o encanto da moda usada por Eugénia de Montijo nos aparece nestas saias de balão, nestas cinturinhas de boneca, nestes cabelos puxados para os lados em tranças, em caracóis ou em bandós. As meninas têm, pela primeira vez, honras de aparecer nos figurinos. E que lindas elas são com os cabelos presos em redes de seda colorida, com os «balões» tão curtos que mostram, por vezes, as calcinhas de rendas brancas. Enquanto as meninas assim vestidas empurram os seus arcos, nos jardins, as mães e as tias têm as loucuras dos xailes. Grandes ou pequenos, postos em bico ou em quadrado, do tecido do vestido ou em cachemiras de preço, são tão indispensáveis à senhora elegante como hoje, por exemplo, o «baton» para os lábios. 1871 — o «balão» já desapareceu, a cintura volta a subir, o seio começa a ganhar aquele valor que fará da senhora dos princípios do século XX o figurino mais feio de toda a história da moda. 1872 — a roda da saia puxa-se para trás em artísticos «poufs», a cauda ganha valor e começa a era do casaqueinho justo e cortado em «quartos a jeito». Os chapéus quase não têm abas, mas ganharam plumas e fitas em profusão. 1887 — a roda puxa-se cada vez mais para trás e a cintura desce exageradamente, a cauda diminui de valor, os chapéus voltam a ter abas enormes. Finalmente, 1894 — o corpinho justo, a manga de presunto, as guarnições de fita e os folhinhos de seda ou renda guarnecendo os corpos mostram-nos uma moda que não nos é já desconhecida, pois está nas fotografias de todas as avózinhas que viveram no fim do século XIX. Desfilaram, assim, perante os nossos olhos, os modelos de um século de modas, valorizados pelos encantos de mulheres que viveram num tempo em que apenas tinham por missão ser mulheres e ser belas.

Quantos e quantos figurinos, quantos e quantos livros de modas de épocas idas não estarão esquecidos em velhas estantes e em velhas malas, quando poderiam contribuir para a história desta força enorme que se chama a moda feminina, força que ainda hoje, já com as mulheres em todas as profissões, faz andar à volta muita cabeça feminina e faz trabalhar com coragem muito marido. Sim, porque embora critique, embora se lastime, não há prazer maior para eles do que levar pelo braço a mais elegante, a mais bela e a mais pedulária mulher da sua terra. Dizem mesmo os modernos psicólogos que um dos motivos porque o marido trai a esposa é o motivo de esta se vestir com menos elegância. Será assim?

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

TIPOGRAFIA SOCORRO
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS
ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES
DRAGAS PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS
FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO
CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.
CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO
BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS
Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins
Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras
EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.
Para o seu caso consulte sempre a:

Agência Comercial e Marítima do Sul
Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª, L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 23 de AGOSTO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:

«LOCH AVON» — 23 de Agosto

ESTÁ a despertar o maior entusiasmo na numerosíssima colónia infantil desta praia, o anunciado «Concurso das construções na areia», promovido pelo nosso prezado colega da capital «Diário de Notícias», assim como a «Escola de Trânsito da Shell», novidade introduzida este ano na interessante iniciativa que aquele importante diário da capital — como já fez o ano passado — leva às melhores praias de Portugal.

É já muito elevado o número de crianças inscritas para o concurso deste ano, e a todas elas faremos referência no nosso próximo número.

EM DEFESA DO NOSSO PORTO

A DOCA DE PESCA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

porto de uma doca de pesca, falta que afecta em grande medida toda a indústria de conservas do Algarve e o abastecimento do País. E podemos dizer toda a indústria de conservas da nossa provincia porque daqui segue, quase diariamente, peixe para as fábricas de Olhão, Portimão e Lagos. Podíamos até publicar os nomes de todas essas firmas, mas não nos parece necessário. Igualmente fazem-se exportações diárias de peixe para todo o País e chegam-se a mandar remessas até para Bragança. Isto é conhecido de todos e naturalmente até da nossa distante Junta Autónoma.

E, a propósito deste tão indispensável melhoramento, resolvemos ouvir algumas das entidades mais interessadas e que melhor pudessem exprimir as razões que assistem às actividades ligadas à economia do mar do Algarve.

Quatro opiniões de entidades ligadas à pesca, acerca da necessidade urgente da construção da doca

O primeiro depoimento recolhido é o do sr. Manuel Vitorino Soares, um dos maiores exportadores de peixe da nossa praça e que leva a nossa saborosa sardinha à mesa de metade de Portugal. Ao falarmos-lhe na doca, exclamou:

— Eis um assunto palpitante e que urge resolver. Evitar-se-iam assim os grandes prejuizos causados pela demora na descarga do peixe.

— Dê-nos uma indicação desses prejuizos.

— Por exemplo: quando sopra vento forte do norte, os barcos atracados ao caes balaçoam demasiado e isto dá como resultado a sardinha destinada à indústria, e que já está metida em salmoura, ficar num estado bastante lastimoso. E se houver navios mercantes acostados, então o problema complica-se, porque as descargas fazem-se morosamente, com grande prejuizo da boa apresentação e conservação do peixe, e com prejuizo, implicitamente, dos que o adquiriram.

Agora ouçamos o mestre José Ferreira, da traineira «Maria Rosa». Ao perguntarmos-lhe se considerava urgente a construção da doca, respondeu-nos logo:

— Absolutamente, em virtude do nosso porto não oferecer abrigo seguro às pequenas embarcações.

— Tem sido prejudicado com a falta da doca?

— Muitas vezes, e em especial quando o caes comercial está ocupado pela navegação mercante. E o nosso entrevistado acrescentou:

— Se tivéssemos uma doca não seríamos forçados, em dia de temporal, a procurar abrigo no porto estrangeiro mais próximo, que é Canelas, ou recorrer ao esteiro da Carrasqueira, que não oferece condições.

Mal a «Brisa», uma das melhores unidades da frota pesqueira de Portugal, atracou, procuramos o seu mestre, o sr. João Vaz Afonso, para que nos desse, também, a sua opinião sobre a doca.

— É claro — disse-nos — que a doca é uma falta que não se compreende neste nosso porto, que é um dos maiores centros de pesca do País e onde às vezes se juntam barcos de toda a costa.

— Já tenho sofrido alguns, com atrasos na descarga de peixe. Te-

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Apreciações Literárias

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sa, Lutgarda Guimarães de Caires, desvanece-nos e encanta-nos. A edição, muita cuidada, tem um

“A Ilha dos Sonhos Malditos?”, de A. Vicente Campinas

OPERÁRIO sacrificado e incansável das letras, Camilo também fez crítica literária, e como nem sempre, nesta por vezes ingrata missão, sentisse o preciso desafogo para opinar com serena e verídica autoridade, disfarçou o seu embaraço exarando esta opinião: «A crítica, em Portugal, é quase impraticável, por

duas causas: a primeira, é que somos poucos a escrever, e nos apertamos cordialmente a mão todos os dias; a segunda, é que, por este teor de vida, nenhum escritor se faria um nome que o compensasse dos dissabores e da pouquidão dos lucros.»

Com a desfaçatez de qualquer palrador de comício ou de tagarela de associação recreativa, eu atrevo-me a fazer minhas as palavras do que foi um grande mestre da literatura portuguesa. Mas, divergindo, nesta emergência, de Camilo e no caso de «A ilha dos sonhos malditos?», eu direi assim, à queima roupa, que Vicente Campinas, com a publicação deste livro, não valorizou a sua obra, digna de respeito e simpático apreço. Se fora o primeiro livro não ficaria mal a indulgência que se deve usar com quem se apresenta no mundo das letras, desprovido de impertinentes ambições. Mas não é o caso de Campinas. Ele já escreveu de molde a impôr-se à admiração dos seus leitores. Fê-lo tanto em verso como em prosa. E saiu-se bem, a contento, pelo menos, de grande número dos que o leram! Daí o nosso desapontamento ante «A ilha dos sonhos malditos?». Sendo livro de um poeta, falece-lhe o mérito porque não conseguimos encontrar nele poesia. A repetição do tema torna-o monótono, a pobreza de musicalidade invalida-o como obra poética. Deixou-se arrastar Vicente Campinas pela paixão apolópica e isso frustrou-lhe o sentido poético da obra. O precalço é grave, porque desde que o poeta, esquecendo-se que o é, se deixa dominar por um norte, desprezando as exigências inexoráveis do ritmo, da musicalidade e da harmonia, e até do tema, minisa implicitamente a arte à qual recorreu para nos transmitir o seu pensamento ou o seu estado de alma. E isto nunca o deve fazer um poeta. E muito menos Vicente Campinas, que é efectivamente um poeta. E prova-o nos poucos sonetos de «A ilha dos sonhos malditos?» e nas quadras dos «Moinhos da vida». Ora, sendo assim, como é, que necessidade tinha Vicente Campinas de recorrer a uma suposta poesia, sem ritmo e sem beleza, que, afinal, não nos diz nada e que não serve, portanto, a sua simpática finalidade de enternecer o coração do homem?

Um grande orador, mesmo quando propagandeia ideias repulsivas, consegue audacioso; um mediocre orador poderá dizer-nos grandes e incandescentes verdades, mas, porque lhe falta o verbo, o poder de transmissão, arrisca-se a não ter quem o escute. E esta circunstância, por demais averiguada, applica-se, de modo particular, à poesia. Daí que o poeta, mais que o prosador, tenha que se precaver contra a tendência despótica que brota no seu subconsciente e que ele quer impôr àqueles a quem se dirige. Ora isto não pode ser, e não pode ser porque todos somos naturalmente refractários à imposição, quer na vida corrente, quer na vida das letras. E porque assim é, exigimos do poeta que o seja, quer ele nos harmonise a palidez do luar, quer ele nos cante as suavidades do amor, quer ele nos rime as grandes dores humanas. Se o não fizer nos termos disciplinados, melódicos e, por vezes, empolgantes que a poética exige, então a nossa sensibilidade recusa instintivamente aceitá-lo como poeta. Quanto muito, aceitá-lo-á como curiosidade literária. E, neste aspecto, nós nunca desejáramos aceitar Vicente Campinas, que deu já provas de que sobre ser um bom prosador, também sabe tanger a lira de Anacreonte. E porque milita em sua ajuda estas circunstâncias, daí a franqueza desta apreciação.

A capa de «A ilha dos sonhos malditos?» ostenta um expressivo desenho do artista, nosso comprouviano, Roberto Nobre.

José Barão

A tiragem é a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

CARTA AO SR. MENDES LEAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

versal sem um conteúdo nacional. O meu caro Amigo devia, pois, começar por definir o que entende por «literatura eminentemente nacional», e se assim fizesse, não estaria eu aqui a repisar as minhas próprias afirmações, já que na sua crónica nada encontrei de novo. Não indaguei, portanto, se possuíamos ou não uma literatura universal, nem de momento eu tinha qualquer interesse em testemunhar tal facto.

Quando falei de literatura nacional e universal, tive em vista não exclusivamente o caso português, mas o caso geral, a literatura de todos os países. Ao citar alguns nomes considerados unanimemente como mestres da literatura universal, servi-me, ainda, desses nomes para demonstrar que nas suas obras coexistem, paralelamente, elementos nacionais e universais — traços «eminentemente» nacionais, típicos, tudo que individualiza um povo — e as características humanas e profundas que ligam todos os homens do mundo. É o leitor atento, verá, pois, que esta concepção ultrapassa a mesquinharía e indigência duma literatura subordinada ao regional, confinada aos problemas da freguesia, que só consegue interessar meia dúzia de pessoas. E ao citar ainda alguns dos romancistas portugueses, dos mais representativos da nossa literatura moderna, cujas obras conquistaram outros públicos, foi meu único intento demonstrar, mais uma vez, que nas suas obras, bem ou mal, se encontravam indissolubilmente ligados esses elementos. Pretendi, sim, evidenciar que uma literatura universal implica necessariamente um conteúdo nacional, um enraizamento nas realidades sociais dos povos; o aproveitamento consciencioso não só dos elementos que o individualizam, a sua psicologia, como as características que os tornam idênticos e próximos a outros povos. Fundamentalmente, a discussão que levantei gravitava à volta deste assunto.

A outra questão tenebrosa, a horrorosa questão, girou sempre, também, à volta da escolha de temas. Lamentavelmente, o meu Amigo Sr. Mendes Leal esqueceu completamente o pomo das nossas discordâncias. Quando falei nas liberdades inerentes ao romance, não tratei de definir a sua técnica, a sua estrutura, as liberdades que eu proclamei referiam-se unicamente ao alargamento dos temas, às liberdades que o escritor tem de escolher os assuntos. O Sr. Mendes Leal considera certos assuntos tabús para o romance; eu confesso, em tal ponto não tenho preconceitos de qualquer ordem. E a evolução do romance dá-me inteira razão. Desde o romance de cavalaria ao romance neo-realista, há um longo caminho percorrido.

Note, meu caro amigo, quando falo em evolução, interessa-me, unicamente, de momento, a introdução da vida de certas classes na literatura. Como na sociedade se verifica que as classes vão conquistando a sua alforria social, assim, da mesma forma, a literatura franqueia as suas portas a pessoas que até há bem pouco tempo não mereciam os cuidados e atenções dos artistas. O meu Amigo, no entanto, parece convencido que as vidas dos mineiros, camponeses, já por demais tratados esses assuntos, se encontram gastos. Estão nas lonas, diz o meu Amigo! O Sr. Mendes Leal encontrou o seu melhor argumento: estão nas lonas! Assim, meu Amigo, torna-se fácil diagnosticar os males das nossas letras. Basta-lhe proclamar bem alto que a pobreza da nossa literatura se deve ao mau gosto dos nossos escritores se dedicarem a descrever a vida dos camponeses e pescadores. Admirável descoberta, a sua, meu caro Sr. Mendes Leal!

A introdução dessas classes na literatura, no entanto, é ainda bem recente. E mesmo que o não fosse, isto não constituiria óbice para os nossos romancistas as tratarem novamente, á luz das novas realidades e das experiências do nosso tempo. Mais velha, meu caro, é a burguesia na literatura, e, no entanto, ela ainda constitui um bom manancial para os escritores, e que eu saiba, a sua senilidade histórica não deu ainda motivo para a sua interdição no romance.

Uma das muitas heresias que o meu Amigo me imputa, foi eu dizer que nós, portugueses, não tínhamos vocação para o romance. Oh! céus, mas eu não disse tal coisa! Pois se o meu amigo me atribui a qualidade de Cavaleiro Andante da nossa literatura, como

poderia eu afirmar isso? O que eu escrevi foram apenas estas palavras, que, na verdade, exprimem ideias completamente diferentes: «Ideias como esta (as do Sr. M. L.) conduzem fatalmente a uma tese que, não sendo já nova, se nos afigura destituída de toda a verdade. Julgo que foi o Dr. José Bacelar que, pela primeira vez, já há anos, discutiu essa ideia da inviabilidade do romance português. Encaradas certas circunstâncias que envolvem a criação do romance nacional, parece, á primeira vista, que não possuimos grande vocação para esse género literário.» Mas as apreciações apressadas conduzem a conclusões erradas.

Torna-se evidente que se eu afirmasse não possuirmos nós vocação para romancistas, o meu Amigo não teria qualquer razão em chamar-me Cavaleiro Andante da literatura. Pressupondo eu a não existência de qualquer vocação romanesca, entre nós, a minha defesa passaria a ser um equívoco. Assim se desvaneceria ingloriamente um dos deliciosos troços com que engrinaldoo a sua crónica. Ao menos, conceda-me coerência nas minhas afirmações. Mas, o meu Amigo é formidável, é terrível, em atribuir-me afirmações que eu não escrevi. Até conseguiu descobrir no meu artigo a apologia da poesia épica, só porque afirmei que a ceifa alentejana era um poema épico do trabalho. Tudo o que o meu Amigo disse acerca disso, pertence-lhe por justiça e direito. Gostaria de saber, por mera curiosidade, que me indicasse quais as obras portuguesas onde o nosso camponês encontrou narrador que o elevasse na literatura épica.

Contrariamente ao que o Amigo pensa, eu não considero os movimentos artísticos «passos em busca da verdade», mas, mais modestamente, esses movimentos têm para mim uma interpretação diferente. Impressionismo, cubismo, simbolismo, abstraccionismo, etc., não passam de reflexos das épocas, expressões de interesses e gostos das camadas sociais, maneiras de interpretar o mundo. Na nossa época, por exemplo, chocam-se diversas correntes, e eu confesso encontrar-me em dificuldades para saber qual delas representa a verdade. O problema, realmente, não se me afigura tão fácil como ao meu Amigo. Apresentando a nossa época aspectos sensivelmente contraditórios, interesses que se opõem, concepções de vida antagónicas, é pro-

ble que qualquer desses indivíduos seja sobrerrealista ou simbolista, se julgue detentor da verdade. Portanto, conclusão lógica de qualquer bicho inteligente: se os movimentos artísticos constituem «passos em busca da verdade», na vida não há necessidade de os artistas andarem ás turras, apregoando na praça a excelência da sua escola ou corrente. Ora, torna-se fundamental que, antes de nos aventurarmos a fazer apreciações sobre os diferentes movimentos artísticos, devemos estudar os fenómenos sociais que provocam a sua génese.

Se, na arte, a intuição é desculpável, já no campo estrito da crítica se me afigura pernicioso. Critica-se através do conhecimento, do raciocínio; o meu Amigo, pelo que verifico, apela demasiadamente para a intuição. Os raciocínios, as deduções, aborrecem-no, fatigam-no; no meu entender, isto constitui um grave defeito de toda a nossa crítica.

No seu último artigo, o Amigo reivindicava personalidade para a nossa literatura, e, ai de mim!, não compreendo como se há de conseguir personalidade se voltamos costas à nossa vida, aos nossos problemas, à nossa gente, se os nossos escritores, ao pretenderem construir obra válida, desprezarem as realidades nacionais. Seja essa realidade grandiosa ou mesquinha, só da nossa terra brotarão os frutos que nos cabem.

V. pede originalidade à nossa literatura, mas como conseguiu, se homens como o Amigo se empenham em voltar costas ao chão ingrato ou fecundo onde assentamos os pés?

O meu Amigo considera ainda a forma, o estilo, as preocupações capitais do romance português. O Sr. Mendes Leal escreve: *Se um dia puderem quebrar essas algemas da forma e de estilo, então sim, não tardarão a ser procurados lá por fora com a mesma ansia que em Portugal se procuram e lêem os romances estrangeiros.* E nós com tanta discussão, e o problema, afinal, tão fácil, tão comezinho. Outros críticos, com uma maior experiência do que a nossa, chegaram a conclusões diferentes, já há mais de dez anos. O sr. João Pedro de Andrade, escrevia, já nessa época, estas bárbaras palavras: *O problema do romance português é, pois, mais um problema de conteúdo do que um problema de forma.* Não deduza, o meu caro Amigo, que eu desdenho da forma, da expressão. Nada disso. O que eu não tenho é tempo para desenvolver as suas afirmações, nem tão pouco o «Noticias do Algarve» se sente obrigado a dispensar-nos o espaço de que necessitamos para outros colaboradores. No entanto, aguardo todos os seus futuros esclarecimentos, e só assim a diluição das nossas ideias se tornará útil, não só a nós próprios, como aos leitores deste jornal.

Doutra maneira, teríamos todos de lamentar a esterilidade desta polémica que, confesso, não me sinto com vontade de prosseguir, a não ser que lhe veja a utilidade que procuro imprimir a tudo o que escrevo. E estou certo, que o meu Amigo pensa da mesma forma.

Rodrigues Pena

Crónica de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

disfarçado de homens discore triste sobre os graves problemas do cinema contemporâneo, especialmente no campo social. Um diz: «Uma vergonha, meus caros, o caminho que o cinema europeu está seguindo. Só miséria, miséria é que se vê. Miséria moral e miséria material. Um exagero como nunca se viu. Caminha para a anarquia, pobre cinema europeu, caminha para a anarquia...» Todos abanam a cabeça, desanimados e compungidos. Um atreve-se a dizer: «Mas não haverá salvação? Não se conseguirá voltar ao bom caminho?» A resposta, um silêncio tão desenganador, tão desanimador, é de fazer aflorar as lágrimas aos olhos... Realmente, alguns animazinhos conseguem comover-nos. Para disfarçarmos, começamos a olhar para vários decotes e chapéus que se encontram aqui e ali. Só nessa altura é que compreendemos a razão porque vieram todos os elementos do sexo feminino. Mas ainda não compreendemos, palavra que não compreendemos, porque é que... Meu Deus! Será possível que já haja passagem de modelos masculinos?!

António Machelra

Se, na arte, a intuição é desculpável, já no campo estrito da crítica se me afigura pernicioso. Critica-se através do conhecimento, do raciocínio; o meu Amigo, pelo que verifico, apela demasiadamente para a intuição. Os raciocínios, as deduções, aborrecem-no, fatigam-no; no meu entender, isto constitui um grave defeito de toda a nossa crítica.

No seu último artigo, o Amigo reivindicava personalidade para a nossa literatura, e, ai de mim!, não compreendo como se há de conseguir personalidade se voltamos costas à nossa vida, aos nossos problemas, à nossa gente, se os nossos escritores, ao pretenderem construir obra válida, desprezarem as realidades nacionais. Seja essa realidade grandiosa ou mesquinha, só da nossa terra brotarão os frutos que nos cabem.

V. pede originalidade à nossa literatura, mas como conseguiu, se homens como o Amigo se empenham em voltar costas ao chão ingrato ou fecundo onde assentamos os pés?

O meu Amigo considera ainda a forma, o estilo, as preocupações capitais do romance português. O Sr. Mendes Leal escreve: *Se um dia puderem quebrar essas algemas da forma e de estilo, então sim, não tardarão a ser procurados lá por fora com a mesma ansia que em Portugal se procuram e lêem os romances estrangeiros.* E nós com tanta discussão, e o problema, afinal, tão fácil, tão comezinho. Outros críticos, com uma maior experiência do que a nossa, chegaram a conclusões diferentes, já há mais de dez anos. O sr. João Pedro de Andrade, escrevia, já nessa época, estas bárbaras palavras: *O problema do romance português é, pois, mais um problema de conteúdo do que um problema de forma.* Não deduza, o meu caro Amigo, que eu desdenho da forma, da expressão. Nada disso. O que eu não tenho é tempo para desenvolver as suas afirmações, nem tão pouco o «Noticias do Algarve» se sente obrigado a dispensar-nos o espaço de que necessitamos para outros colaboradores. No entanto, aguardo todos os seus futuros esclarecimentos, e só assim a diluição das nossas ideias se tornará útil, não só a nós próprios, como aos leitores deste jornal.

Doutra maneira, teríamos todos de lamentar a esterilidade desta polémica que, confesso, não me sinto com vontade de prosseguir, a não ser que lhe veja a utilidade que procuro imprimir a tudo o que escrevo. E estou certo, que o meu Amigo pensa da mesma forma.

Rodrigues Pena

Concurso de Pesca em Portimão

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

timonense teve a feliz ideia de promover, oferece a essa numerosa falange de desportistas uma excelente oportunidade, a que se alia, para aqueles que desconhecem as belezas naturais da nossa provincia, a contemplação dessas maravilhosas praias emolduradas em rochas caprichosas, que constituem a Costa de Ouro do Algarve.

Informação

Segundo informação camarária, foi dispensada a apresentação do respectivo atestado de vacina para a passagem de licenças de cães, neste concelho.